

Móveis: agora, fundo do poço?

ABC
AGÊNCIA ESTADO

A recessão na indústria de móveis de São Bernardo do Campo, um dos pólos mais importantes do País, já chegou ao "fundo do poço". Pelo menos 20% dos 30 mil trabalhadores do setor foram dispensados por pequenas, médias e grandes indústrias. A drástica queda da demanda, que atinge empresas especializadas em móveis populares e sofisticados, alcança números alarmantes, em média, em termos reais, fatura-se 30% dos tempos do Plano Cruzado. Juros estratosféricos, aumento constante de matérias-primas e os custos adicionais do gatilho salarial formam uma combinação aterrorizante para as indústrias e o comércio de móveis. Os moveleiros de São Bernardo, que compõem universo de quase 200 indústrias, deveriam servir de parâmetro para os prescritores da economia. Eles mesmos garantem isso, porque são os primeiros atingidos pelos percalços macroeconômicos. Por isso, mais do que ninguém, servem de indicativos para projetar um quadro que só agora se expande a outros setores. Desde o Plano Cruzado II, em novembro do ano passado, o mercado moveleiro vem vivendo dificuldades. O sindicato dos Empresários e o Sindicato dos Trabalhadores não têm estatísticas para quantificar o número de falências, concordatas e desemprego, mas uma rápida pesquisa estratifica o quadro aflitivo.

A "Especialista dos Móveis", indústria voltada para a classe média-alta, é bom exemplo de que os mais abastados protelaram compras em favor de investimentos no mercado financeiro. Nos últimos cinco meses a empresa cortou seu quadro de 130 para 80 funcionários. A explicação do diretor Cláudio Lorca dispensa complementação: "Estamos faturando hoje, em termos reais, apenas 20% do ano passado.

Também as microempresas do setor recorrem à dispensa de pessoal para se salvarem. Pedro Azevedo e sua mulher, por exemplo: eles são o que restou da Móveis e Decoração Riviera, que apenas comercializa produtos adquiridos em diferentes pontos do País.